

Os Primeiros Super-Heróis do Mundo

1 2

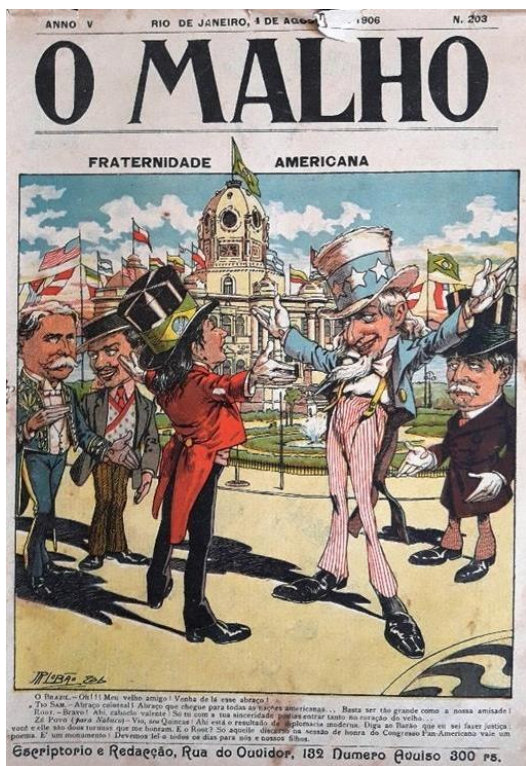
YANKEE DOODLE, TIO SAM, O BRAZIL E O GIGANTE BRASILIÃO

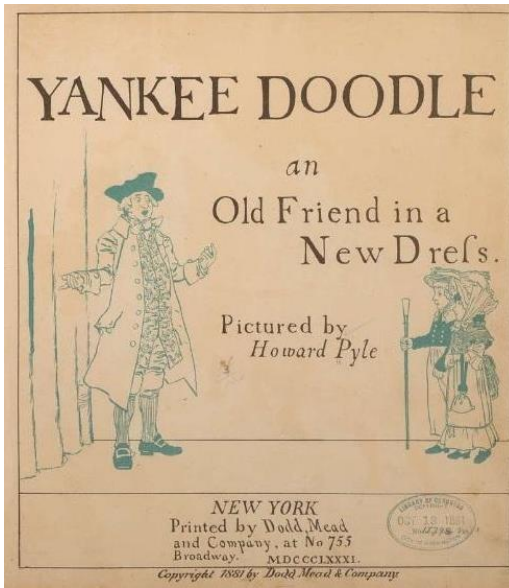
Leonardo Albuquerque
colaboração de Rod Tigre

O Athos me mandou o Brazil (ou Brasil), que foi por muitos anos considerado um símbolo nacional na imprensa brasileira. E concordo que era também um super-herói. O Athos não me mostrou nenhum quadrinho, mas era um personagem de cartum que adquiria uma vez ou outra características típicas de um super-herói. Principalmente o uniforme. Por isso entendo perfeitamente quando falam que os super-heróis são importantes para desenvolver o amor ao país a partir da infância. E os governantes antigos sabiam muito bem disso!

Nos EUA, foram criados com essa intenção, semear o patriotismo, o Yankee Doodle e o mais famoso, o Tio Sam.

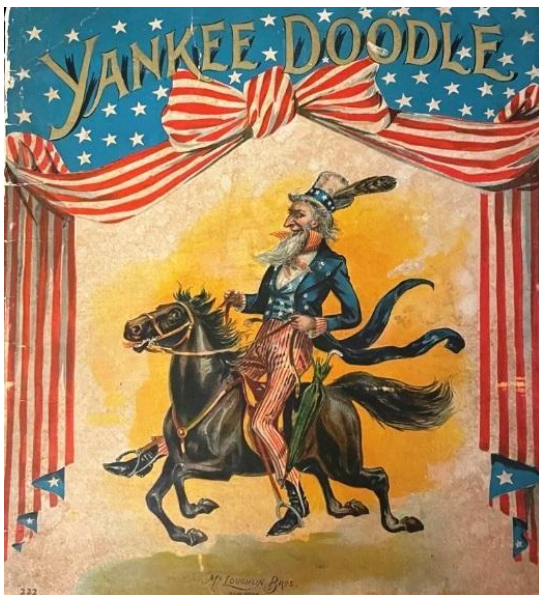
Yankee Doodle an Old Friend in a New Dress (Um velho amigo com um novo visual), de 1881, foi escrito e ilustrado por Howard Pyle, com ilustrações em sequência e texto embaixo. Esse foi por anos considerado o primeiro quadrinho dos EUA, até Pyle, conhecido como o “pai” da ilustração americana, ser completamente esquecido pelos pesquisadores norte-americanos modernos. O Athos foi o único pesquisador que eu já vi comentar esse personagem.





A obra é uma releitura da famosa canção tradicional 'Yankee Doodle', adaptação de uma velha canção europeia que servia de inspiração para os 'minutemen', os revolucionários que estavam sempre prontos para a batalha pela independência dos EUA. A tradução de 'yankee doodle' significaria algo como 'zé caipira' e ele é considerado um dos símbolos dos EUA, junto com Columbia e o Tio Sam.

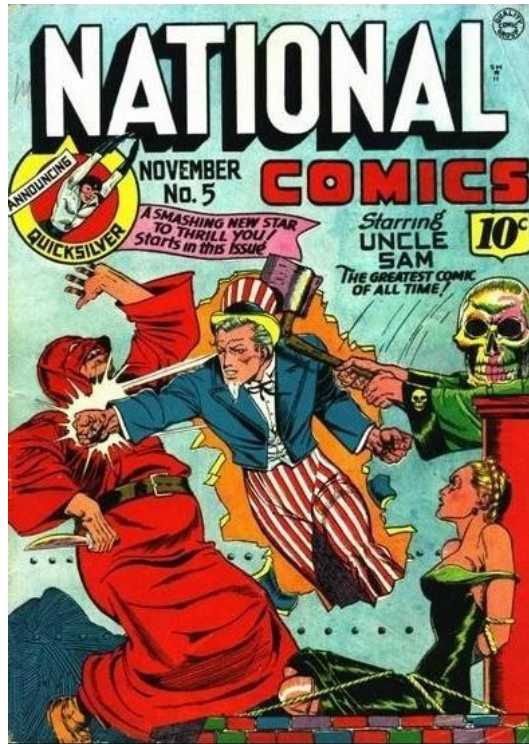
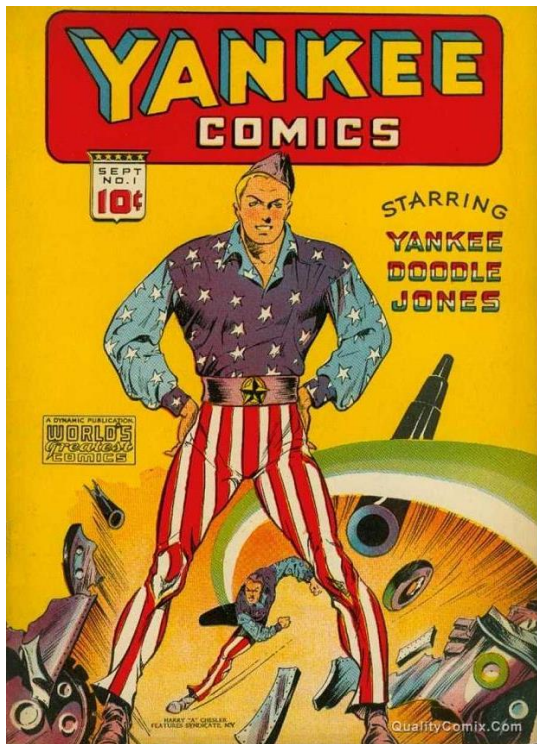
Na série de livros de 1894, ilustrados por Thomas Nast, apesar de conter mais textos, mantém enquadramentos típicos de arte sequencial, e transforma o Yankee Doodle no próprio Tio Sam! Ambos retornariam separados enquanto super-heróis na Era de Ouro dos comics americanos.



O Tio Sam aparece pela primeira vez em **The Adventures of Uncle Sam, in Search After his Lost Honor** (As Aventuras do Tio Sam em Busca de sua Honra Perdida), livro publicado em 1816, escrito por Frederick Augustus Fidfaddy. Com o tempo, substituiu as representações dos EUA anteriores, a Columbia e o Irmão Jonathan.

Existe uma lenda que o Tio Sam foi inspirado em um homem que realmente existiu, chamado Samuel Wilson, mas na verdade é mais antigo.

Em 1941, surge o gibi **Yankee Comics** com as histórias do Yankee Doodle Jones, uma versão super-herói do Yankee Doodle. O Tio Sam super-herói surge em 1940, criado por Will Eisner e Lou Fine.



O Athos me enviou capas e charges de revistas brasileiras antigas (**O Malho, Careta, Fonfon...**) com o Brasil, ou Brazil, o equivalente brasileiro ao Tio Sam. Sem levar em conta o Sr. Brazil que o Rod apontou ('Primeiros Super-Heróis do Mundo' nº 2), vejo no Brazil um desdobramento do Zé Caipora (Angelo Agostini). Afirmo que o Zé Caipora é o símbolo brasileiro original, até pela semelhança de conceitos entre o Yankee Doodle, o caipira original dos EUA, e o Zé Caipora, o caipira do Brasil.

O Brazil, mascote brasileiro com características de super-herói, não teve continuidade porque Getúlio Vargas, quando deu o golpe e iniciou o Estado Novo (10 de novembro de 1937), acabou com a autonomia dos estados brasileiros. Como o Brazil possuía uma característica de cada estado, por exemplo, as bombachas do gaúcho e outras características sertanejas do interior de São Paulo, outra da Bahia etc., Vargas exigiu que o Brazil fosse substituído pela Brasileira, uma nova mascote representando a Nova Ordem e lembrando que a mesma simboliza a República.



Anno IV • N. 46 12 de Novembro de 1910 400 réis

FON-FON!

*Salve lindo pendão esperança
Salve symbolo augusto da Paz,
Tua sobre presença a lembrança
A grandeza da patria nos traz.*

*Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juventil
Querido symbolo da terra
Da amada terra do Brazil.*

(Hymno a bandeira).

So historias completas!

LOBINHO

Nº 80 * FEVEREIRO DE 1948 Cr\$ 3,00

Estreia: CAPITÃO BRASIL Paulistinha

SENSATIONAL STARTS IN THIS ISSUE

YARR AND BOODLE

AMERICA'S FIGHTING TWINS

PRIZE COMICS

No. 13
AUGUST
10¢

WHAT? TWO BLACK OWLS? YES! - SEE THE THRILLING ACTION IN THIS ISSUE!

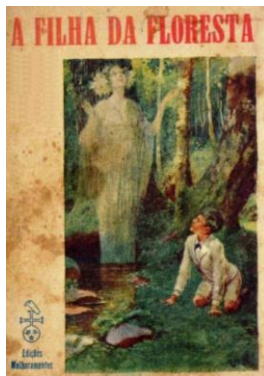
FRANKENSTEIN
GREEN LAMA
POWER NELSON
TWIST TURNER

Na minha HQ ‘Planetarium Muthagenesis Brasil’, incluí o Capitão Brasil, que aparecia no **Suplemento Juvenil**. Era uma versão brasileira do super-herói norte-americano Black Owl e trazia dois ajudantes, o Carioca e o Paulistinha. Estreou na revista **O Lobinho** nº 80 (fev/1948).

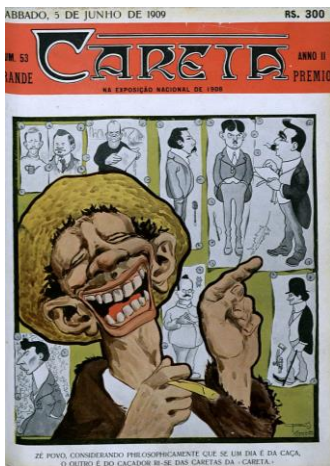
Nota: Este Capitão Brasil era o personagem Black Owl, com o uniforme mudado para verde e amarelo. Saiu originalmente na revista **Prize Comics**. Os nomes dos ajudantes eram Yank e Doodle.

Comentário de Rod Tigre publicado em **QI** nº 177.

Em todas as pesquisas que eu vi creditam, como primeira personagem da literatura infantil no Brasil, a boneca Emília, de Monteiro Lobato, que fez sua estreia em 1921 no livro **A Menina do Narizinho Arrebitado**. Em 1919, Thales C. de Andrade publica pela primeira vez **A Filha da Floresta**, esta sim, poderia ser considerada a primeira, mas o primeiro personagem infantil de nossa literatura foi publicado no século XIX, de autoria daquela que pode ser considerada nossa primeira autora infantil e também pioneira na divulgação do feminismo, a escritora Júlia Lopes de Almeida, publicado em formato de conto nas edições de 27 e 28 de fevereiro de 1897 do jornal **O Paiz** e no livro **Histórias de Nossa Terra**, publicado pela primeira vez em 1911. Em 1946, o conto inspirou Francisco Acquarone que publica **O Gigante Brasil e os seus Tesouros**. Uma das primeiras personagens infantis da nossa literatura sempre renegada é **A Fada Higia**, de 1925, talvez por ter sido criação de Renato Kehl, muito amigo de Lobato e “pai” da eugenia no Brasil.



Vou comentar sobre um personagem muito importante da arte gráfica brasileira que eu também nunca vi ninguém falar antes e que merece muito uma pesquisa mais aprofundada. Quem me mostrou esse personagem foi o finado Athos Eichler, o mais importante pesquisador do quadrinho nacional que já tivemos! Ele chama **BRASIL** (na época **BRAZIL**) e foi criado para substituir os antigos personagens que eram usados antes pelos caricaturistas para retratar o Brasil em suas charges e exposições. Nos tempos do Império era usado um índio chamado Sr. Brasil, mas no início da República ele tinha sido substituído pelo Zé Povo, que já mostrava um Brasil judiado, representado por um maltrapilho inspirado no Zé Povinho, criado por Raphael Bordallo para satirizar os portugueses. O Zé Povo inspiraria Monteiro Lobato ao criar o Jeca Tatu (1914), e depois Lobato criaria Zé Brasil, uma espécie de versão subversiva do Jeca Tatu, defensor da reforma agrária, considerado seu último personagem. Em 1906, o desenhista J. Ramos Lobão começou a fazer uma versão mais elegante do Brasil, mas numa campanha iniciada em 1910 para dar ao Brasil um ar mais nobre e heroico, a escolhida foi a versão de J. Carlos, que depois foi continuada por muitos autores diferentes por quase 50 anos. O personagem aparecia várias vezes na capa de **O Malho**, **Fon-Fon** e **Careta**, muitas delas demonstrando poderes sobre-humanos, em charges e exposições, mas desconheço se alguma vez apareceu em uma HQ.

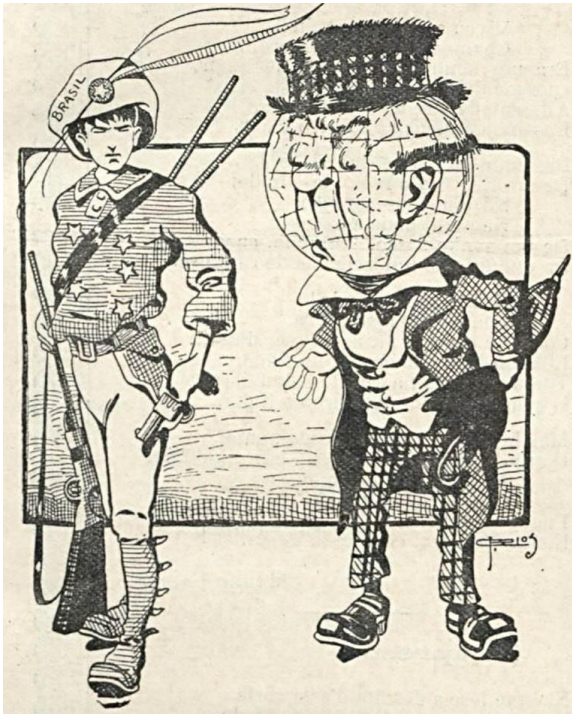


Texto publicado em **Fon Fon** nº 47 de 1908 – A Representação Caricatural do Brasil.

Escreve-nos o festejado caricaturista J. Carlos, nosso querido companheiro:

“A criação de uma figura que, com alguns traços característicos, personifique um povo que vive sob a sombra de uma mesma bandeira, não é, como parece, uma obra despida de importância. Há tipos que se destinam a concentrar, no limite exíguo de seus contornos, o extrato de uma raça e, destes tipos, cumpre que se diga, os mais verdadeiros, nem sempre, são o produto de vigílias trabalhosas. Nascem geralmente de um momento de relativa felicidade. Ultimamente, atendendo a algumas palavras escritas pelo Dr. Deodato Maia, **Fon Fon** tem se interessado pelo assunto. O missivista nota na caricatura nacional a falta de uma representação fiel do nosso tão querido Brasil. A figura selvagem e semi-despida até então usada tem sido considerada, aliás com razão, absurda e inverossímil. O Brasil de hoje já respira uma atmosfera de civilização. Há muito, sinto-me preocupado com a falta que se vai tornando digna de nota e, daí, tentei (para meu uso exclusivo) a representação caricatural do Brasil. Tomando de um lápis ocorreu-me um físico de adolescente deixando descritas em uma fisionomia contraída as linhas características de um Guarani, daqueles que outrora habitavam a soberba Terra de Santa Cruz. Em relação ao vestuário, pareceu-me não ser descabido o traje adequado a excursões pelos sertões que ainda são numerosos. A obra do progresso avoluma-se inegavelmente por vários estado do Brasil. Passemos com mais minúcia a analisar o vestuário em que encerrei a representação caricatural do Brasil. De um chapéu desabado que lhe cinge a cabeça, partem duas longas penas verde e amarela que pretendem perpetuar o berço de onde partiram os nossos primeiros vagidos; envolvendo o busto rijo e musculoso uma blusa azul em cujo peito se estende o Cruzeiro do Sul, o simbólico diadema dos nossos tão cantados céus; contornando os quadris, um cinturão de couro ligado por uma fivela de metal. Em lugar de calças-bombachas, veste calções listrados de verde e amarelo, um tanto folgados nos joelhos, onde começam as botas altas de couro, que tanto usam os nossos patrícios no interior. Em agosto de 1907, saí à publicidade (pela primeira vez) no nº 255 de **O Malho** a citada composição. Logo após fui lisonjeado pelos hábeis lápis de Lobão, Storni e Leonidas, que comigo labutavam sob o mesmo teto e que, com especial agrado, resolveram adotar a minha tão despretensiosa figura. Valorizaram-na desvanecendo-me.”

“Ah! fica, por conseguinte, o que a respeito tenho a dizer. Jamais pretendi criar um tipo que mais tarde fosse aprovado ou adotado. Entretanto, se for resolvido estabelecer-se um concurso destinado a este mister, e se me atingir a honra de um convite, apresentarei o símbolo que venho de descrever e que trazendo desenvolvido sobre o peito o Cruzeiro do Sul, foi o primeiro lançado à luz da publicidade.”



ANNO VI RIO DE JANEIRO, 7 DE SETEMBRO DE 1907 N. 280

O MALHO

Directorio Social: RUA DO OUIDOR, 132 Num. Avulso 200 rs.

7 DE SETEMBRO

Inglaterra, Alemanha, França, Italia, Espanha! — Bravos! bravos!... Mas quem é esse forte, guapo e aguerido mancoço?...

Rio Branco — É o Brasil independente, que tenho a honra de lhes apresentar...

Roy Harbessa — A nação que sabe agir nos luctos, quando a isso é arrastada...

Fransa — ... e que na paz se está apaixonando pelo velho eloquento e instrutor de mestre Roy...

Rio Branco — Enfim, meus amigos, é o Brasil de hoje. Não é mais aquella cabode ná, que vocês ridiculizavam... Das antigas penhas só conserva as do... penincho, e presta homenagem á do Castelo!...

ANNO LVII RIO DE JANEIRO, 25 DE MAIO DE 1918 N. 519

O MALHO

Escritorio e redacção: RUA DO OUVIDOR, 164 RUA DO ROSARIO, 473 Num. Avulso 200 rs.

« 25 DE MAIO »

26 Março 1921

Carreta

Num. 666 Im. III

O caso dos navios

A França — O mundo é assim mesmo, meu caro. — A necessidade não conhece leis.

O Brasil — Essa doutrina é de Bethmann Holweg.

NUMERO AVULSO 200 rs.

Comentário de Luigi Rocco sobre a versão super-herói do Gigante Brasileiro.

Com um tom bastante ufanista, e aproveitando as comemorações dos dez anos da fundação de Brasília, completados em 1973, estreou em 13 de janeiro de 1974 no **Diarinho**, suplemento infantil dominical do jornal **Diário do Povo** de Campinas (SP), o Gigante Brasileiro, do desenhista Magnus, que apresentava um traço bastante amadurecido.

Tendo como símbolo o Telefone Secreto das Cinco Estrelas (Cruzeiro do Sul), Gigante Brasileiro estava alerta contra os inimigos do nosso Brasil e do resto do mundo. Seu grande vilão era o Doutor K.Phona, sempre fugindo da polícia 'porque é um sujeito mau'!

Publicado em forma de duas páginas semanais coloridas, o super-herói, em sua primeira aventura, tem que deter o Doutor K.Phona quando este se alia a um extraterrestre pretendendo dominar todas as usinas elétricas do país.

As aventuras do Gigante, cuja identidade secreta nunca foi revelada, tiveram bastante sucesso, sendo publicadas por semanas a fio.

